

MERCADO ESG

INFORME SETORIAL

O que esperar do mercado ESG nos próximos 3 anos?

Se em 2021 o mercado da sustentabilidade enfrentou os arrebatamentos e os ímpetos típicos de adolescente, nos próximos anos deverá entrar numa fase de maior maturidade e circunspeção. Depois de ouvir vários especialistas, destaco algumas tendências:

1. Brotarão as regulações, os standards, os certificados, os softwares de rastreamento, e todo o tipo de instrumento de validação em sustentabilidade. Será uma esfera dominado por ESGtechs e pelas Big4 de auditoria. Organizações como Envizi ou Project Canary ganharão cada vez mais latitude. Em 2021, a PwC e a KPMG anunciaram investimentos bilionários para se prepararem para o novo mundo. Deloitte e EY estão mais atrasadas, mas deverão recuperar o passo nos próximos anos.

2. Continuará a guerra por talento, retratada nesta coluna ao longo de 2021. À medida que cresce a demanda de especialistas ESG, por parte de empresas e instituições financeiras, intensificar-se-ão três tendências: a excessiva compensação salarial, a contratação de profissionais com experiência em finanças (e não oriundos de ONGs) para ocupar os cargos mais seniores em sustentabilidade e o surgimento de maquiagem profissional.

3. Se 2021 foi o ano dos anúncios de metas net-zero, a partir de 2022 esses objetivos serão monitorados com maior acuidade. A compensação de carbono se

tornará comum e mais sofisticada porque oferece uma solução de curto prazo às empresas para reduzirem as suas emissões. As compensações serão realizadas através da participação em projetos de reflorestamento ou conservação florestal, captura de metano, eficiência energética, entre outros.

4. Os bancos de varejo e de investimentos serão atores cada vez mais relevantes no mercado. A tendência para incorporar ESG em estratégias de dívida é irreversível. Continuarão crescendo os vários tipos de ESG bonds, a dívida atrelada a metas de sustentabilidade (sustainability-linked) e a incorporação de fatores ESG em modelagens de risco. Este mercado dobrou de tamanho em 2021 e atingiu US\$ 1 trilhão (R\$ 5,737 trilhões).

5. ESG irá universalizar-se com a expansão para os países do Golfo e da China. O fundo soberano da Arábia Saudita (PIF), que contratou este ano uma nova responsável por estratégia de alocação de recursos com o mandato de preparar o país para a descarbonização, os bancos do Bahrein, e os emirados de Abu Dhabi e Dubai acelerarão o passo em direção à sustentabilidade. Os UAE lançaram recentemente a UAE Sustainable Finance Framework 2021-2031 e os UAE Guiding Principles on Sustainable Finance para adubar o terreno.

6. No Brasil, o governo que irá iniciar funções em 2023 abandonará a postura guerrilheira e acéfala contra a sustentabilidade e fomentará políticas e regras que estimulem e organizem o mercado das finanças sustentáveis e da sustentabilidade corporativa. O país recuperará paulatinamente o estatuto de potência global em questões ambientais. Não será difícil voltar a ocupar o seu espaço natural.

7. Na área de investimentos, a hipercompartimentalização das diversas abordagens de investimentos com um ângulo ESG (filtro positivo, filtro negativo, "best-in-class", integração ESG etc.) irá gradualmente desvanecer-se e dar espaço a unica-

mente duas estratégias guarda-chuva: investimentos responsáveis (quando se integram políticas, práticas e dados ESG de forma sistemática para identificar risco e oportunidades) e investimentos sustentáveis (quando o objetivo explícito é gerar impacto social ou ambiental positivo). Reguladores no Brasil (ANBIMA), Alemanha, Reino Unido, Cingapura, Índia e Suíça serão os primeiros a estabelecer critérios e pré-requisitos para cunhar fundos com estes dois ângulos. A tão desejada estandarização está cada vez mais próxima.

8. Crescerá a convicção entre os investidores que a integração de fatores ESG nas avaliações de empresas aprimora a análise tradicional, ao identificar riscos e oportunidades recém-descobertos que vão além das métricas fundamentalistas. Investidores em ações e em empresas não listadas calcularão Fluxos de Caixa Descontados (DCF) incorporando os dados ESG mais materiais. A análise de riscos climáticos ganhará destaque.

9. Os fundos sustentáveis (também chamados de impacto no Brasil) continuarão sendo um nicho de mercado, alimentado principalmente pelas gerações abaixo dos 40 anos e por fundações de países desenvolvidos. Serão cada vez mais customizados aos interesses e causas de cada investidor. Eventualmente, serão também transportados para o metaverso, um mundo de realidade virtual 3D que possibilitará uma experiência de conexão online imersiva. Os investimentos responsáveis, por outro lado, deverão se universalizar e cobrir todo o mercado de capitais. No futuro, esta modalidade será sinônimo de investimentos tradicionais.

10. Ambos os tipos terão os seus impactos —os positivos e os adversos— constantemente monitorados e mensurados. Um fundo de renda fixa que invista em títulos de mercados emergentes de todo o tipo de empresas, mesmo não sendo norteado por qualquer intenção de mudança socioambiental, poderá mensurar quais as

consequências (voluntárias ou involuntárias) da sua alocação de capital, como os impactos nas alterações climáticas ou na diversidade de gênero.

11. Este trabalho será feito pelas agências de rating ESG. Se atualmente estas empresas (mais de 100 no mercado) operam numa lógica de subregulamentação e baixa transparência, em breve teremos apenas 4 ou 5 atuando num mercado de regras claras. Quais? As centenárias Standard & Poor's (S&P) Moody's e Fitch incorporarão riscos ESG e dominarão o mercado. Concomitantemente, 2 ou 3 agências que mensuram exclusivamente o impacto dos investimentos monopolizarão esse submercado.

12. Se atualmente as avaliações dessas agências apresentam uma margem de subjetividade e volatilidade, o seu trabalho será facilitado a partir do momento em que todas as empresas sejam obrigadas a reportar dados ESG e a fazê-lo seguindo a mesma modelagem. A entrada da IFRS, que hoje é o principal formato de reporte de dados financeiros, no mercado ESG levará à padronização da comunicação de sustentabilidade. Eventualmente levará também à fusão de dados contábeis e dados ESG. Sepultaremos os relatórios de sustentabilidade e os contadores terão que se tornar especialistas em dados ambientais, sociais e de governança.

A comarca dos profetas da desgraça que previram que a sustentabilidade seria uma marolinha terá cada vez menos habitantes, mas haverá no mercado muitos que se frustrarão com as práticas ESG à medida que depreendem que a inclusão destes conceitos é complexa nos métodos, longa nos horizontes temporais e depende de uma transformação interna por parte de cada empresa. Ou é tudo ou não é nada. O meio-termo não é ESG.

Núcleo de Inteligência – Sedet
Edição 328 - Em 28 de dezembro de 2021

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.